JERÓNIMO PIZARRO

JERÓNIMO PIZARRO (Bogotá, Colômbia, 1977) é o responsável pela maior parte das novas edições e novas séries de textos de Fernando Pessoa publicadas em Portugal desde 2006. Titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Colômbia e Prémio Eduardo Lourenço (2013), é co-editor da revista *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, assíduo organizador de colóquios e de exposições e dirige actualmente a «Colecção Pessoa» na Tinta-da-china. Assinou uma edição crítica do *Livro do Desassossego* (INCM, 2010; Tinta-da-china; 2013), traduzida para o espanhol, o italiano e o inglês e é autor de obras multímodas sobre o vasto espólio de Fernando Pessoa, entre as quais destacamos *Eu sou uma Antologia. 136 Autores Fictícios* (Tinta-da-China, 2013), *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida – Primeiras Lições* (Tinta-da--China, 2017) e *Ler Pessoa* (Tinta-da-China, 2018).

A meu ver, a multiplicidade de Pessoa reside menos na sua multiplicidade real, por assim dizer, no facto de ter forjado cento e tal figuras — o que não é excessivo, se pensarmos que o labor se desenrola por mais de 30 anos — do que na sua multiplicidade póstuma e para a qual não nos é possível eleger apenas um livro que a caracterize. Neste sentido, para conceber Pessoa como cem mil, talvez seja menos útil pensar em Pessoa por Conhecer *ou n'*O Caso Clínico de Fernando Pessoa *do que em todas as centenas de livros que se têm escrito sobre Pessoa, que um dia se tornaram mil e que talvez cheguem a milhares ou a milhões. Acredito que Pessoa foi múltiplo, mas também que nós — os críticos, os seus leitores — o continuamos a multiplicar e desdobrar de forma exponencial; e que, cada dia, a sua autêntica e definitiva multiplicidade é esta, ante a qual a outra, a verdadeira, se vai tornando pequena. Que representa um Pessoa que foi 136 personae ante um Pessoa traduzido em dezenas de idiomas, lido em incontáveis países e citado por milhões de pessoas? Permitam-me deixar esta pergunta em suspenso — visto ser mais uma incitação à reflexão do que uma pergunta — e regressar ao início. Pessoa é, para mais, uma multiplicidade de «Pessoas» que é constantemente multiplicada.*

Jerónimo Pizarro, in *Ler Pessoa*, Tinta-da-China, 2018, p. 22.

AUTOPSICOGRAFIA

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração

1.ª publ. in *Presença*, n.º 36. Coimbra: Nov. 1932.

Na realidade, o arquivo pessoano é um universo em que coexistem textos assinados por Pessoa com textos com outras assinaturas, com textos sem nenhum tipo de atribuição (a maior parte); quer dizer, um arquivo que demonstra que o heteronimismo não era algo de permanente e sistemático e que mesmo distinguir entre a produção de uma pessoa e de outra era, para o autor, um processo árduo.

Jerónimo Pizarro, in *Ler Pessoa*, Tinta-da-China, 2018, p. 84.

IX

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

"O Guardador de Rebanhos". 1.ª publ. in *Athena*, n.º 4. Lisboa: Jan. 1925.

Gostava de gostar de gostar.
Um momento... Dá-me de ali um cigarro,
Do maço em cima da mesa de cabeceira.
Continua... Dizias
Que no desenvolvimento da metafísica
De Kant a Hegel
Alguma coisa se perdeu.
Concordo em absoluto.
Estive realmente a ouvir.
Nondum amabam et amara amabam (Santo Agostinho).
Que coisa curiosa estas associações de ideias!
Estou fatigado de estar pensando em sentir outra coisa.
Obrigado. Deixa-me acender. Continua. Hegel...

s.d.

Poesias de Álvaro de Campos, Ática, 1944 (imp. 1993).

Caeiro é Caeiro, mas é também aquele em que Caeiro se foi transformando ao longo do tempo e do seu diálogo com outras criaturas imaginárias, tal como uma personagem teatral.

Jerónimo Pizarro, in *Ler Pessoa*, Tinta-da-China, 2018, p. 104.

A meu ver, certas unidades parciais, quer se denominem Campos, quer se denominem Caeiro, quer se denominem Reis, só poderão ser criticamente estabelecidas de maneira mais definitiva quando os olhos do paleógrafo completarem os do leitor.

Jerónimo Pizarro, in *Ler Pessoa*, Tinta-da-China, 2018, p. 115.

Ad juvenem rosam offerentem

A flor que és, não a que dás, eu quero.
Porque me negas o que te não peço?
Tão curto tempo é a mais longa vida,
E a juventude nela!

Flor vives, vã; porque te flor não cumpres?
Se te sorver esquivo o infausto abismo,
Perene velarás, absurda sombra,
O que não dou buscando.

Na oculta margem onde os lírios frios
Da infera leiva crescem, e a corrente
Monótona, não sabe onde é o dia,
Sussurro gemebundo.

21-10-1923

1.ª publ. in *Odes de Ricardo Reis*, notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor, Ática, 1946.

O desafio de Reis é o mesmo de Pessoa: ser plural.

Jerónimo Pizarro, in *Ler Pessoa*, Tinta-da-China, 2018, p. 139.

TEATRO DA RAINHA

REPÚBLICA PORTUGUESA
dgARTES
CALDAS DA RAINHA Câmara Municipal

DIGA 33 POESIA NO TEATRO

Programa elaborado por Henrique Manuel Bento Fialho

Jerónimo Pizarro

19 JUN 2022